

Família X idoso: manual de bolso

De um lado, o idoso, viúvo ou separado, decidido a permanecer com sua independência, sua rotina e, sobretudo, com as chaves da própria casa. Do outro, uma família preocupada, dividida entre acatar o desejo do ente querido e interferir a fim de que, para o bem-estar geral dos corações aflitos, o idoso vá morar com alguém e passe assim a ter vigilância 24 horas. Pode ser difícil saber a hora certa de passar a tomar decisões por uma pessoa que, muitas vezes, aparenta ter saúde e juízo o suficiente para tomá-las ela mesma. A resposta, segundo os especialistas, resvalam em duas questões centrais: escutar o idoso e colocar-se no seu lugar.

“Parte considerável das divergências e conflitos entre as pessoas vem do fato de elas não se comunicarem, não ouvirem umas às outras e não aceitarem as diferenças”, pontua Nanci Soares, assistente social e professora assistente doutora do curso de serviço social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Unesp. “Na terceira idade, isso se agrava porque a família tende a não querer ouvir a opinião do velho, inclusive sobre questões que lhe dizem respeito.” Ela frisa, no entanto, que, embora seja o ideal, nem sempre a vontade deles pode ser respeitada. “Muitas vezes, por exemplo, ele quer dirigir um carro, mas não está mais em condições, então a família deve impedir, preservando seu bem-estar e o do outro”.

Já para a espanhola Mayte Sancho, diretora científica da Fundación Matía, a chave da resposta para o dilema da família está em perceber que, no fundo, ele se trata apenas dos direitos que as pessoas têm de decidir sobre sua vida, manterem a dignidade e serem bem tratadas. “Quando tentamos impor a nossos pais modos de vida mais seguros, mas que eles não desejam, devemos perguntar a nós mesmos: ‘Isso é o que eu desejaria para mim?’”, pontua.

E vai mais longe: a verdadeira chave para uma vida mais longa, autônoma e livre não está em para onde levar o idoso, mas em identificar soluções de atenção que cheguem diretamente às suas casas e que complementem os cuidados familiares, como serviços de ajuda a domicílio sociais e sanitários, acompanhamento voluntário e profissionais que coordenem os cuidados e facilitem a flexibilidade na casa dele. Quando isso não for possível, que existam, pelo menos, instituições ou alojamentos que se preocupem em oferecer um modo de vida similar ao de uma vida domiciliar comum.



Janine Moraes/CB/D.A. Press

Independência conquistada

Se é para falar de independência e autonomia na terceira idade, Auxiliadora Peixoto, de 76 anos, ou Dorinha, como é conhecida, logo se prontifica. Ela é hoje, provavelmente, bem mais autônoma e livre do que era nos anos em que vivia com o marido, militar de carreira, morto em 2004. Não que ele fosse autoritário ou ríspido. Talvez fosse excesso de cuidado ou carinho, coisas que Dorinha aprendeu a apreciar e a aceitar desde o início do namoro, quando era uma menina de 15 anos. “Ele era ciumento, sim, me controlava bastante. Só estudei até o quarto ano ginasial e, mesmo assim, ele me dizia que eu nem precisava terminar, porque jamais me deixaria trabalhar. Mas aceitar foi uma opção minha. Em um relacionamento, se nenhum dos dois ceder, a coisa não vai para frente. O amor fala mais alto.

Nascida em Macaí, no Rio de Janeiro, ela veio parar em Brasília em 1980, quando o marido foi transferido. Com os três filhos já crescidos, logo a intenção de retornar ao Rio passou. Dorinha e o marido moraram primeiro em um apartamento na Asa Norte. Depois, foram para um maior na Octogonal. Viveram lá alguns bons anos. “Depois, quando meus filhos se casaram, o apartamento ficou grande demais. Ele queria se mudar de lá, mas eu bati o pé e disse que só saía se viéssemos para o Guará”, conta.

Na época, Dorinha e o marido já estavam bastante envolvidos com o Rotary Club da cidade. Assim, partiram de vez para o Guará, de onde nunca saíram. O envolvimento com o Rotary ela mantém até hoje, religiosamente todas as terças-feiras — exceto

QUEM:
Auxiliadora Peixoto
de Almeida

IDADE:
76 anos
Viúva há oito anos

MORA COM:
ela mesma, e seus
muitos souvenirs
de viagens